

**SANGUE NAS FOLHAS, SANGUE NA RAIZ
REVISITANDO *LUZ EM AGOSTO* À LUZ DA DESUMANIZAÇÃO E DA DUPLA
CONSCIÊNCIA**

**BLOOD ON THE LEAVES, BLOOD ON THE ROOTS: REVISITING *LIGHT IN
AUGUST* IN THE LIGHT OF DEHUMANIZATION AND DUAL CONSCIOUSNESS**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n2p172-190

**Sergio Schargel¹
Brenda Rocha²**

Resumo: *Luz em agosto*, de William Faulkner, traz a história de um homem de pele branca com suposta ascendência negra perseguido após matar sua amante. Este trabalho se desdobrará na tentativa de versar sobre a aparição de alguns conceitos-chaves em *Luz em agosto*, como a ideia de dupla consciência, conforme definido por W.E.B. Du Bois, e desumanização, partindo de pensadores como Edward Said e Angela Davis. Ante a hipótese de que é possível apreender elementos desses conceitos em *Luz em agosto*, será possível revisitar a obra, quase cem anos depois de sua publicação, atribuindo nova profundidade a ela.

Palavras-chave: *Luz em Agosto*; Desumanização; Estupro; Linchamento; Racismo

Abstract: *Light in August*, by William Faulkner, brings the story of a white-skinned man with supposed black ancestry who is chased after killing his lover. This work will unfold in an attempt to deal with the appearance of some key concepts in *Light in August*, such as the idea of double consciousness, as defined by W.E.B. Du Bois, and dehumanization, from thinkers such as Edward Said and Angela Davis. Given the hypothesis that it is possible to apprehend elements of these concepts in *Light in August*, it will be possible to revisit the work, almost a hundred years after its publication, giving it a new depth.

Keywords: *Light in August*; Dehumanization; Rape; Lynching; Racism

¹ Doutorando em Letras pela USP. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021, que se transformou no livro *O fascismo infinito, no real e na ficção*. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, extrema-direita, judaísmo, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau. Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>.

² Mestre em Ciência Política na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde desenvolveu pesquisa acerca da subrepresentação de mulheres negras na Política Institucional Brasileira. Bacharel em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Profissional de Treinamento e Desenvolvimento Organizacional, com atuação em Projetos, em Consultoria com foco de atuação em Diversidade, Equidade e Inclusão. Também é professora de Práticas de Diversidade no Ensino Superior e Língua Inglesa. Contato: brendarocha.uerj20071@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2722-2001>.

Introdução

Southern trees bear a strange fruit / Blood on the leaves / Blood at the root / Black bodies swinging in the southern breeze / Strange fruit hanging from the poplar trees. (HOLIDAY, 1957)

Em *Dry september*, conto de William Faulkner (1995), o suposto estupro de uma mulher branca leva ao linchamento de um negro inocente, Will Mayes, tomado como bode expiatório pela comunidade de uma pequena cidade no sul dos Estados Unidos no início do século XX. Um barbeiro branco, o único que defende Mayes, chega ao ponto de ir junto ao linchamento para tentar convencer seus clientes e colegas. É tratado com hostilidade pela turba, chamam-no de *niggerlover* e *Yankee*, sugerem que então, se não tiver sido Mayes, talvez ele saiba quem foi e o tenha ajudado a escapar da cidade. Um dos personagens chega a sugerir que a culpabilidade de Mayes é irrelevante, de uma forma ou de outra ele deve ser feito de exemplo, “Acontecer? E que porra de diferença isso faz? Você vai deixar os negros se safarem até que um realmente faça isso?”³ (FAULKNER, 2005, p. 74) O conto imprime também uma espécie de hierarquia da violência, na qual a palavra de uma mulher branca vale mais do que a de um homem negro, conforme um dos personagens afirma. Finaliza, porém, com a cruel ironia típica do estilo de Faulkner: ao final é revelado que McLendon, personagem que arquiteta e incentiva a turba ao linchamento de Meyes, afirmando tê-lo feito em defesa das mulheres brancas, pratica violência física e psicológica com sua esposa, agredindo-a por estar acordada após a meia-noite.

Não é absurdo afirmar que *Dry september* é praticamente um prelúdio para *Luz em agosto*, romance do mesmo autor que foi publicado logo no ano seguinte. Não sem motivo que o personagem McLendon também aparece em *Luz em agosto* e novamente em uma barbearia (FAULKNER, 2007, p. 77). Há diversas histórias paralelas no romance, mas a principal trata de um trabalhador branco, Joe Christmas, que se relaciona com uma mulher mais velha, Joanna. Todavia, em dado ponto do enredo, desassistida pela violência do companheiro, Joanna tenta matá-lo e suicidar-se após. Christmas a mata para se defender. Entretanto, a cidade descobre que Christmas era filho de uma mulher branca com um homem negro, o suficiente para que ele se torne alvo de uma caçada.

Embora cada peça literária possua suas próprias idiossincrasias, o enredo de *Dry september* é desenvolvido em *Luz em agosto* e o ponto central é idêntico: a violência contra um homem negro – ou, no caso de Christmas, tomado por negro - por uma turba de homens brancos,

³ Tradução livre.

acusado de violência contra uma mulher branca. Longe de ser exclusivo, quase toda a obra de Faulkner trata das relações raciais no Sul perpassando quatro gerações que se seguiram à Guerra Civil Estadunidense, em geral se passando no fictício Condado de Yoknapatawpha, Mississippi. Sua obra é mimética ao interpretar e absorver o real para criar o seu próprio real a partir da literatura, mostrando violências raciais grotescas, entre linchamentos, falsas acusações de estupro e assassinatos coletivos. *Luz em agosto* será discutido com maior profundidade na segunda metade deste trabalho, mas antes, para contextualizar, é importante trazer à discussão pensadores como Angela Davis, Edward Said e W.E.B. Du Bois.

1. Desumanização e dupla consciência

Angela Davis (2016) dedica um ensaio à análise da figura do estuprador negro e ao - em parte consequente - linchamento dos negros no sul após a Guerra Civil. W.E.B. Du Bois (1999), que será aprofundado mais para frente, também fornece insumos sobre a epidemia de linchamentos. De acordo com a ONG Equal Justice Initiative (2017), foram reportados mais de 4400 linchamentos de negros no período que compreende a Reconstrução e o início da Segunda Guerra. Angela Davis (2016, p. 97) vai além e sugere um número superior a 10 mil apenas nas últimas três décadas do século XIX. No sul arrasado pela derrota na guerra, e com o racismo oficializado pelas leis segregacionistas de Jim Crow, linchamentos se tornaram uma forma de controle social, de terrorismo de Estados.

Os linchamentos não se tratavam apenas de uma ferramenta terrorista de controle social, mas também político. Como a população negra constituía uma parte expressiva dos estados do sul – sendo inclusive maioria em ao menos dois estados em 1860, Carolina do Sul, com 57%, e Mississippi, com 55% (DAHL, 2005, p. 102) -, poderiam, caso organizados, determinar eleições. Ernett Till foi linchado por assobiar para uma mulher branca, ao que um de seus assassinos justificou a violência por causa do voto, e que enquanto vivesse negros não iriam votar em sua região (THE ECONOMIST, 2019). A violência servia, assim, como intimidação para impedir que se modificasse a estrutura de poder da região. Uma violência terrorista:

Se o povo negro tivesse simplesmente aceitado uma condição de inferioridade econômica e política, os assassinatos praticados por gangues teriam provavelmente diminuído. Mas, como um grande número de ex-escravas e ex-escravos se recusou a abrir mão de seus sonhos de progresso, mais de 10 mil linchamentos ocorreram durante as três décadas posteriores à guerra. Qualquer pessoa que desafiasse a hierarquia racial era marcada como potencial vítima das gangues. O infinito rol de

mortos acabou por incluir todos os tipos de insurgentes – desde negros proprietários de negócios bem-sucedidos e trabalhadores que pressionavam por salários mais altos até aqueles que se recusavam a ser chamados de ‘meninos’ e as mulheres negras que ousavam resistir aos abusos sexuais de homens brancos (DAVIS, 2016, p. 185).

Em *Poliarquia*, Robert Dahl (2005, p. 47-48) reforça o argumento do linchamento como ferramenta de controle político, ao afirmar que o sul dos EUA tinha um sistema democrático misto: democracia (ou poliarquia) para os brancos, hegemonia para os negros. Assim, a população negra era privada da participação eleitoral e política através do terrorismo para manter as estruturas de poder consolidadas com a escravidão. Dahl (2005, p. 48) recorre ao mesmo exercício contrafactual de Davis, ao sugerir que provavelmente, se tivessem aceitado de forma apática e passiva o legado da escravidão, o povo negro não teria sofrido repressão e coerção pelo terror (DAHL, 2005, p. 102). Na noção de Foucault (1979, p. 08), entendendo o poder como uma relação que permeia todos os indivíduos, é perceptível como a formação deste tipo de discurso permeia diversas camadas, impondo controle, sem precisar necessariamente recorrer sempre à violência física. Mais do que os linchamentos em si, o terrorismo acaba por permear toda uma população e impor repressão.

Nesse contexto, os argumentos para os linchamentos eram variados. Por exemplo, Elizabeth Lawrence, negra, professora escolar, foi linchada em Birmingham, Alabama, por ter repreendido crianças brancas que nela jogaram pedras (GUYNN, 2017). O principal motivo, porém, era o que Angela Davis (2016, p. 181) chama de “mito do estuprador negro”. Para legitimar a violência, os estados sulistas disseminaram a narrativa falsa de que existia uma epidemia de estupros de mulheres brancas por homens negros sedentos de vingança pelas opressões da escravidão. Da mesma forma que o pânico criado com o Protocolo dos Sábios do Sião serviria para legitimar o Holocausto anos depois, o medo gestado com o mito do estuprador negro serviu aos propósitos de legitimar os linchamentos. A narrativa sulista associou o estupro ao homem negro de forma tão intrínseca que um senador da Carolina do Sul chegou a declarar que o estupro era “o crime mais negro” (TILLMAN *apud* DAVIS, 2016, p. 183). A narrativa permitia travestir o verdadeiro motivo – controle social e político – e angariar apoio entre brancos histéricos com as perspectivas de suas parceiras ou familiares se tornarem vítimas. A efeito de exemplo, W.E.B. Du Bois (1999, p. 164) conta a história de Sam Hose, trabalhador negro da Geórgia, “linchado, queimado vivo e mutilado, na presença de uma multidão de cerca de 2.000 homens, mulheres e crianças”, por acusações de assassinato e estupro, tendo admitido o primeiro e negado, mesmo quando torturado, o segundo.

Mas seria impossível disseminar essa narrativa sem que existisse um largo e secular processo de desumanização. Se o negro fosse de fato visto como igual, como homens, não haveria como espalhar e lidimar a ideia de que todo homem negro era um potencial estuprador, e que deveria ser punido por isso, independente de sua inocência. Não bastava que se criasse o mito do estuprador negro: era necessário que se criasse uma imagem deturpada e maniqueísta que atribuísse todos os vícios, para além da luxúria. O personagem de Jim Crow, uma representação estereotipada do negro estadunidense como indolente, preguiçoso e estúpido, não sem motivo nomeou as leis segregacionistas. Na visão dos brancos, a população negra era personificada, portanto, por Jim Crow, tomada por imoral, viciada e bestializada. Para além da arte, com o Jim Crow, a ciência buscou legitimar este discurso ao embutir um verniz de cientificidade ao racismo, utilizando a biologia como método, como Davis (2016, p. 178) comprova: “Collins recorre a argumentos pseudobiológicos, enquanto Brownmiller, Russell e MacKellar invocam explicações ligadas ao meio, mas, em última análise, todos afirmam que os homens negros são motivados de modo especialmente poderoso a praticar violência sexual contra as mulheres.”

Edward Said, tanto em *Orientalismo* quanto em *Cultura e imperialismo*, analisa o processo de desumanização que não apenas a população negra sofreu, mas populações periféricas em geral. Longe de ser uma violência exclusiva do sul dos Estados Unidos, a transformação de seres humanos em monstros era onipresente na exploração colonial. Para o centro, a periferia sempre foi o reduto dos monstros, do misterioso, do desumano. É o exótico, o curioso, mas nunca o humano. Em verdade, a própria ideia de humanidade como plural e polissêmica é recente, se muito é possível traçar o marco da *Declaração* de 1948 como efeméride de seu início. Documentos similares anteriores, como a *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, evidenciam a visão eurocêntrica do que se entendia por humanidade até o século XX.

Na prática, este processo de desumanização do diferente é secular. Isso é bastante perceptível, por exemplo, em obras de Shakespeare como a figura do judeu monstruoso em *O mercador de Veneza*, ou de Caliban em *A tempestade*. Outro exemplo é *Robinson Crusóe*, publicado pouco mais de um século depois de Shakespeare e praticamente o livro a inaugurar a categoria do romance burguês, como Said (2011, p. 04) fala: “O protótipo do romance realista moderno é *Robinson Crusóe*, e certamente não é por acaso que ele trata de um europeu que cria um feudo para si mesmo numa distante ilha não europeia”. Até mesmo a literatura de outras minorias também pratica essa mesma desumanização, basta lembrar do exemplo de jamaicana

“louca do sótão”, Bertha Mason, em *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. A obra de Charlotte, uma das primeiras literatas a alcançar sucesso literário, não poupa esforços em tornar uma figura monstruosa a primeira esposa de Rochester.

Em *Os anormais*, compilação de um curso que Michel Foucault deu no Collège de France em meados da década de 70, o filósofo francês cria uma arqueologia da figura do monstro, no cotejo de seus aspectos jurídicos, históricos e sociológicos. Foucault (2001, p. 69) divide a figura do desviante em três grupos: o monstro, o indivíduo a ser corrigido e o masturbador. Em particular o primeiro grupo, ao longo da história, foi caracterizado pelo desviante. O monstro era a bruxa, os irmãos siameses, o hermafrodita. Qualquer um que fugisse dos padrões que o poder hegemônico, em particular do que a medicina classificava como normal, saudável e adequado, era absorvido como monstro. Posteriormente, conforme o desenvolvimento de instituições jurídicas, o judiciário também passou a utilizar da mesma designação para classificar os indesejados e os criminosos. O monstro era a encarnação maniqueísta do mal, “não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza.” (FOUCAULT, 2001, p. 70).

Essa desumanização de povos periféricos é, ademais, tratada como doença infectocontagiosa. O leproso da Idade Média é a aparição literal da relação monstro-doença, mas está longe de ser exclusiva. Outro bom exemplo é a visão do judeu pelo antissemita, como um grupo que precisa, paradoxalmente, ser assimilado e afastado. Como mostra o estudo da ideologia antissemita por Daniel J. Levinson (1950), o judaísmo é tomado por patologia que, se não tratada, pode se disseminar para as pessoas “de bem” e espalhar a sua monstruosidade:

contaminação: o medo de que os judeus possam, se permitido o contato íntimo ou intensivo com gentios, ter uma influência corruptora ou degenerativa. Várias formas de corrupção podem ocorrer: moral, política, intelectual, sexual, e daí em diante. Entre as várias ideias que foram atribuídas a uma ‘contaminação judaica’ estão amor livre, radicalismo, ateísmo, relativismo moral, tendências modernas em arte e literatura. Gentios que apoiam ideias como essas tendem a serem tomados por vítimas involuntárias que foram contaminadas psicologicamente da mesma forma que uma pessoa pode ser infectada organicamente por uma doença. A ideia de que um judeu pode ‘infectar’ muitos gentios é bastante útil na racionalização de contradições aparentes. Isso permite que se atribua grande influência aos judeus e coloque neles a culpa de grande parte dos problemas sociais, apesar de seu número relativamente. Isso justifica sentimentos hostis e ações discriminatórias (LEVINSON, 1950, p. 98).

Como Levinson sugere, esta visão dual de monstro e doença é importante para essas formas de narrativas de controle político-social, justificando a violência contra o grupo desumanizado. Afinal, com ausência de empatia, com a visão maniqueísta e unilateral que trata

por humano apenas o que lhe é igual, se torna mais simples atacar o que não se enxerga como homem. Mais do que apenas atacar, e isso é bastante visível no caso do imperialismo/colonialismo, a desumanização lança um verniz de benevolência sobre o colonizador ou população central, já que justifica a exploração a partir do argumento da civilização. Isto é, o explorador traria a civilização – e, por conseguinte, a humanidade – aos periféricos. Somente com a civilização se tornaria, portanto, possível transformar esses indivíduos em homens, como messias trazendo a verdade de deus. A colonização e a opressão racial eram vistas, portanto, como benevolentes, um favor (RODNEY, 2018, p. 396). Daí se decorre a imagem idílica e inverossímil, como Albert Memmi (2003, p. 47) mostra, do colonizador como um homem alto, bronzeado, trabalhador e aventureiro, determinado a abandonar a segurança de sua terra natal para espalhar cultura, religião e civilização aos abandonados por deus.

Em uma passagem de *Coração das trevas*, na qual o próprio colonizador é forçado a lembrar para sua tia que a sua exploração tinha como objetivo o lucro, Joseph Conrad (2019, p. 40) ironiza a hipocrisia da benevolência, ao afirmar que o colonizador seria responsável por “libertar aqueles milhões de ignorantes de seus modos horrendos [...] como um emissário da luz”. O centro não consegue compreender, portanto, por que povos rejeitariam essa humanidade imposta, como revela uma passagem que Said (O’BRIEN *apud*, 2011, p. 44) cita: “Por que eles não gostam de nós, depois de tudo que fizemos por eles?”. Não obstante, a desumanização ainda se alimenta da paranoia: há sempre a ameaça de conspiração em curso que busca solapar o que o indivíduo entende por humano, o seu grupo social, a despeito das populações periféricas sofrerem evidente falta de poder, como os exemplos já mencionados dos Sábios de Sião e dos negros no sul dos EUA.

Retornando para a discussão sobre o sul estadunidense, havia, portanto, uma mistura explosiva entre conspiracionismo paranoico e desumanização, meios para determinar o mesmo fim: a perpetuação do controle econômico, político e social (DAVIS, 2016, p. 209). Da mesma forma que o mito do bom colonizador justificava a exploração colonial, os brancos sulistas defendiam que a violência era necessária para o próprio bem do negro, para humanizá-lo. Narrativas conspiratórias não se limitavam ao mito do estuprador negro, eram as mais diversas, indo de seitas para organizar assassinatos em massa a supostas intenções de controlar a nação e instaurar uma supremacia negra (DAVIS, 2016, p. 200).

Para encerrar essa seção, e adentrar na discussão aprofundada sobre *Luz em agosto*, é importante lançar luz também sobre a dupla consciência, ideia chave da obra de W.E.B. Du

Bois (1999, p. 53-55), o primeiro estadunidense negro a obter um doutorado por Harvard, *As almas da gente negra*. Nesta coletânea de ensaios, Du Bois mescla relatos e experiências pessoais com aspectos teóricos para analisar o contexto social do negro nos EUA pós-guerra civil. A dupla consciência pode ser definida como o sentimento de autopercepção a partir do contato com o outro. Isto é, o negro se entende como negro a partir do contato com o branco, a identidade se forma no seguinte a alteridade. Em outras palavras, um sentimento de dupla identidade, uma identidade negra e uma identidade nacional mesclada, identidades dúbias pela construção desta negritude dentro de um contexto de hegemonia branca: “a duplicidade – americano, e Negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados” (BOIS, 1999, p. 54). A sensação paradoxal de pertencer simultaneamente a dois mundos, de estar imerso em duas culturas, mas de ao mesmo tempo não pertencer totalmente a nenhum, como resume a jamaicana Bertha Mason, a mesma louca do sótão de *Jane Eyre*, no prelúdio escrito pela dominiquense Jean Rhys (2012, p. 99): “Então muitas vezes me perguntei quem eu sou e onde é o meu país e a que lugar eu pertencço e porque eu nasci”. Du Bois (1999, p. 52-53) cria a metáfora do véu para tratar dessa divisão racial, mais precisamente do espaço social e do abismo de oportunidades que separam brancos e negros. O véu é uma manifestação dessa própria cisão racial em si, da “linha de cor”, da divisão imposta pelas Leis de Jim Crow e pela filosofia de separados, mas iguais (BOIS, p. 120).

Em grande parte dos ensaios Du Bois retoma esse ponto, discutindo o que é ser, ao mesmo tempo, estadunidense e negro e como conciliar essas duas identidades. Du Bois (1999, p. 54) busca harmonização, que as etnias possam conviver em uma paz em parte utópica, como se o racismo pudesse simplesmente desaparecer. Ele insiste, por exemplo, que o negro não tem a intenção de “africanizar a América, porque a América tem tanto a ensinar ao mundo e à África”, mas sim “tornar possível que um homem seja ao mesmo tempo negro e estadunidense sem que seja amaldiçoado e cuspidor por seus companheiros, sem que tenha as portas da oportunidade fechadas violentamente em sua cara.” (BOIS, 1999, p. 54) Em suma, Du Bois não procura uma ruptura, mas uma conciliação. Assumidamente elitista, ele cunha outro conceito, *Talented Tenth*, para designar a elite negra que seria responsável por guiar a ascensão. Em resumo, Du Bois (1999, p. 159) acreditava na harmonização racial através da ascensão social negra pela educação intelectual clássica, com a formação de uma elite intelectual negra.

A discussão teórica feita nesta seção é fundamental para a discussão do objeto escolhido para a segunda parte deste artigo: *Luz em agosto*. Todas as noções analisadas, o linchamento e o mito do estuprador negro, a desumanização e a dupla consciência são, na prática,

manifestações organicamente interligadas entre si em cadeia de causa e efeito. O mito do estuprador negro e a desumanização impulsionam os linchamentos, e a dupla consciência surge do contato com a opressão racial.

2. O negrobranco

Todas as obras do estadunidense William Faulkner, vencedor do Nobel de 1949, trabalham com o racismo e a intolerância do sul. Mas *Luz em agosto*, em particular, se sustenta em uma espécie de mimesis do ódio, uma estética da violência. Sem ferir a noção de autonomia literária, Said (2011, p. 12-13) entende que não há literatura completamente isolada das outras esferas sociais e artísticas, em suma, não há literatura que não seja política. Não apenas porque a política do real influencia na política da ficção, da qual o próprio *Luz em agosto* é exemplo vivo, em sua crítica à violência sulista, mas principalmente porque o inverso é igualmente verdadeiro. Alguns exemplos mencionados na seção anterior, como *Jane eyre* e *Robinson Crusoe* evidenciam este ponto: a literatura influencia, perpetua, questiona e se manifesta sobre o político do real. Há, portanto, um ciclo simbiótico de autofagia entre a política do real e a política da ficção, que dialogam uma com a outra.

Luz em agosto não possui um enredo linear e talvez seja possível afirmar que não possui protagonista. O livro interliga a história de diversos personagens, dos quais vale destacar cinco que são tratados com maior atenção: Joe Christmas, Byron Bunch, Lena Grove, Joe Brown (Lucas Burch) e Hightower. Personagens distintos entre si, com ocupações, desejos e personalidades plurais, mas unidos por um elo em comum: a marginalização. Todos, cada qual a seu modo, são marginalizados; seja por ser uma mulher grávida solteira, ou um reverendo que perdeu sua igreja e caiu em desgraça por escândalos de sua esposa. Praticamente alternando entre um capítulo no presente e um capítulo com o passado de cada um dos personagens, Faulkner desenvolver riqueza psicológica para seus personagens, ao mesmo tempo em que, pela ausência de protagonismo, afasta maniqueísmos ou unilateralismos.

Um dos personagens em particular, porém, se destaca ao menos para os fins deste trabalho: Joe Christmas. Em resumo, Joe Christmas, um forasteiro desconhecido, começa a trabalhar dado dia em uma serraria de Jefferson. Logo outro forasteiro se junta a ele, Joe Brown, e desenvolvem uma amizade. Na prática, Christmas utiliza Brown como mula para venda de *whisky* ilegal, durante a Lei Seca. Ambos dividem uma cabana na propriedade de Joanna Burden, mulher de meia-idade marginalizada pela cidade por ser descendente de *yankees*

abolicionistas, com quem Christmas tem um caso. Christmas vai se tornando progressivamente mais violento com Burden, conforme o desejo sexual vai arrefecendo, o que a leva, em um momento de crise, a tentar matar seu companheiro e se suicidar. Christmas reage, e o autor sugere que a teria matado para sobreviver, e foge. Em paralelo a tudo isso, Lena Grove, uma jovem grávida do Alabama, aparece na cidade procurando por Lucas Burch, pai de seu filho. Encontra Byron Bunch, colega de trabalho de Brown e Christmas na serraria, que se apaixona por ela e passa a segui-la e ajudá-la em sua busca. Lucas Burch é, porém, Joe Brown, parceiro de Christmas, que, embriagado, atea fogo na casa ao descobrir o assassinato e também foge, retornando posteriormente para acusar Christmas quando um parente de Burden oferece uma recompensa de 1,000 dólares à captura. Inicialmente, o xerife e seus subordinados não dão muita atenção para o caso, mas o cenário muda quando descobrem que Christmas, ainda que de pele branca, seria filho de um homem negro. Começa, então, uma caçada brutal, até que enfim o capturam em uma cidade vizinha, onde o avô de Christmas, Eupheus Hines, incentiva a população a linchar seu neto. Christmas é preso, foge, se refugia na casa do reverendo Hightower, é encontrado pelo líder de uma milícia que o captura, o castra ainda vivo afirmando que “agora deixarás em paz as mulheres brancas, ainda que seja no inferno” (FAULKNER, 2011, p. 404) e afinal o mata. Joe Brown/Lucas Burch, na ânsia de receber os dólares prometidos, é encontrado por Lena Grove e Byron Bunch, mas foge novamente. A obra termina com Lena e Byron no Tennessee, prosseguindo na busca pelo pai do filho de Lena.

Com exceção dos *flashbacks* intercalados sobre os passados familiares dos principais personagens, a maior parte da trama de *Luz em agosto* se passe em cerca de setenta e cinco anos após o fim da escravidão. Apenas dois personagens do livro são escravos ou ex-escravos, e esses são vistos apenas nos mencionados *flashbacks*. No entanto, o legado cultural da escravidão nos personagens do romance é muito claro, como evidenciado principalmente sobre Joe Christmas e Joanna Burden.

O dilema principal de Joe Christmas centra-se em sua suposta identidade racial mestiça. Apenas no fim do livro, em uma das histórias paralelas que Faulkner intercala, o leitor descobre a infância de Christmas. Neto de um casal extremamente religioso, a mãe de Christmas o teve como bastardo após uma relação com um artista de circo de pele branca que se afirmava descendente de mexicanos. Da mesma forma que seria posteriormente com o próprio Christmas, porém, boatos de que seu pai teria ascendência negra foram suficientes para que seu Eupheus Hines, seu avô, deixasse sua mãe morrer no parto e abandonasse a criança. Como *Luz em agosto* mostra, principalmente através da histeria de Hines - que chega ao ponto de incentivar

o linchamento de seu próprio neto quando o redescobre -, no cenário pós-guerra civil a miscigenação era um temor para os sulistas brancos. Regulamentos sociais e legais evidenciavam como o medo de perda da hegemonia através da miscigenação estava profundamente enraizado e institucionalizado na sociedade sulista (DAVIS, 2016, p. 184). Para além do terror do linchamento, os estados sulistas desencorajaram através de leis qualquer relacionamento interracial. Durante o período escravocrata, filhos frutos de relacionamentos interraciais em frequência eram forçadamente reconhecidos pelos proprietários de escravos brancos e escravas negras como sua carne, mas tinham-lhes negados o privilégio de seu sangue. Essas crianças permaneceram escravas e não tinham proteção legal. Às vezes, eles eram libertados no testamento do pai, mas muitas vezes isso era evitado (DAVIS, 2016, p. 184).

Em sua mimesis do sul estadunidense, Faulkner evidencia o pavor da miscigenação. Retomando à noção da desumanização como uma doença contagiosa, o sangue negro, ainda que em escala ínfima, é tomado como um bacilo, como uma peste a qual se deve erradicar. No contexto do sul, a menor ascendência negra implicava na marginalização do indivíduo. O mesmo pode ser dito sobre qualquer tipo de contato sexual entre uma mulher branca e um homem não branco, negro ou birracial. A suposta poluição do corpo de uma mulher branca, símbolo religioso de pureza, ameaçava a supremacia e, por conseguinte a própria estrutura cultural do Sul branco. Nesse escopo, é sintomática uma passagem em que, quando jovem e com sua primeira amante, Christmas a conta que supostamente teria ascendência negra, transformando o carinho de sua companheira em repúdio e rejeição:

Achei que talvez você fosse de fora. Que não tivesse vindo de nenhum lugar por aqui. 'É mais ou menos isso. Mais do que só ser de fora. Você não vai adivinhar.' [...] 'Tenho um pouco de sangue preto' [...] 'Você o quê?', ela perguntou. 'Acho que tenho um pouco de sangue preto.' [...] 'Não sei. Acho que tenho.' [...] 'Está mentindo'. 'Tudo bem, ele aceitou, sem se mexer, a mão prosseguindo. 'Não acredito', disse a voz dela na escuridão. 'Tudo bem', ele disse (FAULKNER, 2007, p. 173-174)

Christmas é imerso em desumanização desde sua infância, a partir da qual desenvolve sua dupla consciência – ou tripla, considerando que ele era simultaneamente branco, negro e estadunidense, paradoxalmente todos e nenhum. Ainda no orfanato tem seu primeiro contato com o racismo, quando crianças o chamam de negro. Em dado momento, a diretora descobre da suposta ascendência de Christmas, do qual decorre curiosa inferência que se repete por todo o enredo: os personagens, quando em contato com essa ascendência, tornam Christmas negro. Isto é, passam a conferir ao personagem características que interpretam como africanas, ainda

que ele não manifeste nenhuma delas: “Não sei como pudemos ficar tanto tempo sem perceber. É só olhar para o rosto dele, os olhos, o cabelo. Claro que é terrível.” (FAULKNER, 2007, p. 120) Passam a conferir, portanto, características que interpretam como monstruosas, como desumanas. O simples contato com a informação da ascendência modifica toda a percepção em torno do personagem, que, inclusive, percebe e passa a utilizar isso a seu favor.

Sem sequer saber sua ascendência ou origem, o personagem internaliza o racismo e a desumanização que sofre, aceitando-se como negro. Toda sua vida desenrola-se em função da herança que seu pai desconhecido lhe legou: seu suposto sangue. Isola-se e é incapaz de estabelecer um relacionamento com as outras crianças, pois percebe sua diferença. Em dado momento, Joanna Burden pergunta a Christmas como ele sabe que tem sangue negro, ao que responde que, se não o tem, então “diabos se não perdi um tempão” (FAULKNER, 2007, p. 222). Tanto mais, Burden é a única, em todo o enredo, que questiona o ponto mais básico sobre a ascendência de Christmas: não há qualquer evidência sobre ela além de rumores. Toda a sua identidade ambivalente foi construída, outrossim, a partir desses rumores. Christmas se entende como negro porque lhe disseram, desde criança, que era negro. Esta indagação de Joanna bem como a resposta de Christmas trazem à baila a metáfora de Du Bois (1999, p. 11) sobre a dupla consciência, ao se utilizar da imagem de um véu que separa a população negra. Ergue-se o mesmo véu sobre Joe Christmas, uma linha tênue e quase invisível que separa os dois mundos amalgamados internamente.

Trafegando entre os dois mundos, Christmas em geral se identifica como negro ou como branco de acordo com a sua conveniência. Sobre essa identificação, quando se afirma como negro, encarna de forma estereotipada sua própria desumanização. Afirma-se como branco quando trabalha na serraria ou trafica *whisky*, como negro quando dorme com prostitutas ou entra em brigas. Em diversas passagens ao longo do romance, quando quer testar seu interlocutor, Christmas se identifica como negro e então aguarda a reação. Tenta constantemente confirmar que será julgado de forma diferente se sua negritude for conhecida, o que, em grande parte, se confirma: “Às vezes se lembrava de como já provocara e iludira homens brancos a chamarem-no de negro para brigar com eles, para espancá-los ou ser espancado por eles; agora ele batia no negro que o chamasse de branco.” (FAULKNER, 2007, p. 197)

Todavia, quando alguém não o repudia frente às notícias de sua raça, como Joanna, se perde. Após atentar à vida de seu pai de criação, novamente em legítima defesa, e ser espancado pelos amigos de outra ex-companheira, passa a viver por anos como nômade, praticando

pequenos golpes ao redor do leste estadunidense. Um deles consistia em dormir com prostitutas brancas e, para não pagar, revelar que era negro. Embora lhe rendesse espancamentos e brigas ocasionais, sempre escapava sem pagar. Reage com assombro quando, em dado momento, uma das prostitutas diz que não se importa sobre a sua raça: “Não sabia até ali que algumas mulheres brancas aceitavam um homem de pele negra” (FAULKNER, 2007, p. 197). Da mesma forma, de tão acostumado ao racismo, ser tratado por igual por Joanna Burden o causa um mal-estar que o incumbe à violência.

Vale destacar outro bom exemplo de dupla consciência na literatura pode ser encontrada no ensaio *How it feels do be coloured me*, de Zora Neale Hurston, escritora do Harlem Renaissance, publicado com proximidade temporal a *Luz em agosto*. Hurston, corroborando as ideias de Du Bois, afirma que a identidade racial surge a partir do contato com o outro. Apresenta sua ideia ao descrever sua infância na cidade de maioria negra de Eatonville, Flórida, onde até os 13 anos ainda não era "negra". Só se descobre como negra a partir do contato com o racismo. Só quando passa a lidar com o racismo, com a diferença socioeconômica em relação aos brancos do sul dos EUA, com a segregação, é que compreende finalmente o que é ser negro. Corroborando Du Bois, Hurston (2008, p. 115) se coloca, portanto, na oposição à ideia convencional do sul de que a raça é uma característica inata que determina biologicamente a personalidade, capacidade e destino do indivíduo.

Hurston (2008, p. 115) torna-se consciente de sua própria condição de “pessoa de cor” ao reconhecer sua diferença em relação aos brancos. Os momentos em que Hurston diz que pode “sentir sua raça” mais intensamente ocorrem quando ela se muda de uma comunidade negra para uma branca, ou quando um membro de uma comunidade branca visita a sua própria. Até os 13 anos, Hurston não se considerava "uma pessoa" porque ninguém lhe deu motivos para pensar em si mesma nesses termos. Para Hurston, as pessoas brancas a achavam diferente apenas porque passavam pela sua cidade e nunca viveram lá. Ainda assim, a raça como categoria começa a parecer real quando Hurston se muda para Jacksonville, onde há mais brancos. Hurston vai de não se identificar em nenhuma categoria racial para se identificar com uma mulher negra:

Eu não era mais Zora de Orange County, agora era uma menininha negra. Eu descobri de certas maneiras. Tanto no meu coração quanto no espelho, tornei-me negra. Nem sempre me sinto colorida. Mesmo agora, muitas vezes consigo alcançar a inconsciente

Zora de Eatonville antes da Hégira. Eu me sinto mais colorida quando sou jogado contra um fundo branco nítido. (HURSTON, 2008, p. 121)⁴

Ou seja, é a partir do contato com outras etnias que Zora desenvolve essa consciência dupla, ou tripla, que percebe que não é apenas estadunidense, mas estadunidense, negra e mulher. Sua consciência não apenas como negra, mas como uma mulher negra. O próprio Du Bois (1999, p. 53) cunha a metáfora do véu, o processo de apreender as diferenças a partir do contato com elas, a partir de sua própria experiência, a partir do momento em que se entendeu como negro pela primeira vez: “A troca foi alegre até que uma menina alta recusou meu cartão. Então me ocorreu que eu era diferente dos outros, isolado deles por um imenso véu.” Da mesma forma, Christmas encarna sua negritude a partir das informações esparsas que absorve e dos comentários sobre o seu passado. Torna-se negro conforme o afirmam negro.

Christmas desfruta de período de estabilidade financeira e emocional ao lado de Burden. Mas, desumanizado por toda sua vida, mostra-se incapaz de ser absorvido por aquela forma de vida, interpretando-a como perda de sua autonomia: ““Não. Se eu ceder agora, negarei todos os trinta anos que vivi para fazer de mim o que escolhi ser.” (FAULKNER, 2007, p. 233) Sem nunca afastar um mal-estar, Christmas se torna gradualmente mais violento, e a relação de ambos vai deteriorando. Burden tenta normalizar a relação e fazer com que seu companheiro abandone seu trabalho como vendedor ilegal de bebida, chegando a simular uma gravidez. Tão acostumado à violência, Christmas, porém, mostra-se incapaz de lidar com a ideia de ser tratado como ser humano, culminando na abrupta cena em que, para se defender de Burden, corta-lhe o pescoço com uma navalha e foge. Burden era uma ameaça ao que Christmas, imerso em sua realidade, interpretava como o normal. Uma ameaça à violência ao qual sempre fora sinônimo. Os rituais elaborados e simbólicos que precedem o crime sugerem que Joe está envolvido em uma luta profunda consigo mesmo. É significativo que ele não tente, de fato, escapar. Permanece fugindo em círculos nas proximidades do crime. Após o crime, chega a entrar em uma igreja de negros e amaldiçoar deus. Este é o auge de sua dupla consciência conflitante.

O assassinato de Burden não recebe, inicialmente, muita atenção das autoridades policiais, ainda que seja vinculada uma recompensa de mil dólares pela captura do assassino. É

⁴ Tradução livre de “I was not Zora of Orange County anymore, I was now a little colored girl. I found it out in certain ways. In my heart as well as in the mirror, I became a fast brown - warranted not to rub nor run. I do not always feel colored. Even now I often achieve the unconscious Zora of Eatonville before the Hégira. I feel most colored when I am thrown against a sharp white background.”

somente quando o sócio de Christmas no tráfico ilegal de *whisky*, Joe Brown, revela a ascendência negra de Christmas que o xerife empreende de fato uma busca. Como Brown foi encontrado dentro da casa em chamas e fugira em seguida, era, inicialmente, um dos principais suspeitos. Revelar a negritude de seu sócio, porém, o isenta e torna Christmas culpado, independente de não se ter provas concretas além do depoimento de Brown:

‘É isso aí. Me acusem. Acusem o branco que está tentando ajudar vocês com o que sabe. Acusem o branco e deixem o crioulo livre. Acusemo branco e deixem o crioulo fugir.’ ‘“Crioulo?”, disse o xerife. ‘Crioulo?’ “Foi como se ele soubesse que tinha pegado os caras. Como se nada que eles pudessem achar que ele tivesse feito fosse tão ruim quanto o que ele poderia contar que outro tinha feito. [...] “É melhor tomar cuidado com o que está dizendo, se é de um branco que está falando’, diz o delegado. ‘Não me importa se ele é um assassino ou não.’ ““Estou falando de Christmas’, diz Brown. ‘O homem que matou aquela mulher branca depois que coabitou com ela bem nas fuças de toda esta cidade, e vocês todos deixando ele fugir para bem longe enquanto ficam acusando o único sujeito que pode encontrar o cara para vocês, que sabe o que ele fez. Ele tem sangue de preto’ [...] “Bom’, diz o xerife, ‘acredito que você enfim está dizendo a verdade (FAULKNER, 2007, p. 86-88)

Conforme as frases do xerife deixam evidentes, importa menos o assassinato do que o fato do assassino ser um homem negro. Brown utiliza a seu favor essa desumanização, não apenas para se livrar das suspeitas, mas para participar ele próprio das buscas e obter os mil dólares. Christmas é instantaneamente desumanizado. Torna-se culpado não de assassinato, mas de ser negro. O assassinato toma apenas forma de justificativa legal para sua perseguição.

Christmas é capturado na cidade vizinha, onde seu próprio avô instiga seu linchamento. Alguns indagam se Joe Christmas havia dado à Joanna Burden um julgamento justo. Cumpre dizer que embora a multidão não considere o Christmas como uma pessoa, seu valor real para eles é uma oportunidade para reafirmar sua ideologia ao demonstrar em sua ênfase do status de Joanna Burden como uma mulher branca. É significativo à noção de dupla consciência Faulkner (2007, p. 306) incluir, sobre a captura de Christmas, um excerto em que um personagem afirma que o personagem, admitindo seu crime quando capturado, não “agiu nem como crioulo nem como branco. Foi isso. Foi isso que deixou as pessoas tão furiosas [...] Era como se nem mesmo soubesse que era um assassino, e ainda por cima preto.”

Christmas é, porém, protegido pelo xerife e preso, apenas para ter um destino ainda mais violento. Ao escapar da prisão, é perseguido por Percy Grimm, líder de uma milícia paramilitar racista. Grimm atira nele por seis vezes antes de realizar uma castração literal e simbólica em uma das passagens mais violentas do romance:

Quando os outros chegaram à cozinha, eles viram a mesa caída de lado Grimm inclinando-se sobre o corpo. Quando eles se aproximaram para ver o que ele estava fazendo, eles viram que o homem ainda não estava morto, e quando viram o que Grimm estava fazendo, um dos homens deu um grito sufocado e tropeçou de volta na parede e começou a vomitar. Então Grimm também saltou para trás, jogando atrás dele a faca de açougueiro ensanguentada. "Agora você vai deixar as mulheres brancas em paz, mesmo no inferno", disse ele. (FAULKNER, 2007, p. 464).

Portanto, a mesma sociedade que marginalizara Burden em vida, busca vingá-la em morte. O processo de desumanização se estende para além de Christmas, dado que Burden, interpretada como *niggerlover* enquanto vivia, por afirmar que “os negros são iguais aos brancos” (FAULKNER, 2007, p. 48) passa a ser tomada por espécie de anjo, símbolo de feminilidade profanada. Desumanizada, portanto, em outro formato extremo: enquanto seu ex-companheiro é interpretado como um monstro, espécie de demônio, a outrora mulher marginalizada e desprezada pela cidade é alçada à condição de seraphim. O contato com a suposta negritude de Christmas, e o mito do estuprador negro, faz com que um personagem como Grimm aja como para vingar uma relação que era, na prática, consensual.

Grimm não é o único, porém, que acredita no estupro de Burden. Retomando as ideias de Angela Davis, a perseguição se intensifica a partir da narrativa de que Burden teria sofrido sucessivos estupros de Christmas: “julgavam em voz alta tratar-se de um crime de negro anônimo cometido não por algum negro, mas pelo Negro, e que sabiam, julgavam e esperavam que ela também tivesse sido violentada” (FAULKNER, 2007, p. 251). A maiúscula na segunda vez que o termo “negro” aparece na citação, corrobora à interpretação da desumanização da negritude. O negro é tomado como uma entidade, a encarnação do mal. E a ideia de que Burden tenha sido violentada, ainda que ineficaz, agita as pretensões justiceiras da turba e fornece a justificativa ideal para seus desejos assassinos.

Considerações finais

Luz em agosto foi tomado como objeto de discussão neste trabalho por seu diálogo em torno dos dois eixos relacionais que se desenvolveu: desumanização e dupla consciência. A obra de Faulkner oferece um rico panorama do cenário racial do sul após a guerra, sua característica estética da violência se imprime em torno de todos os personagens marginalizados. Muito se poderia desenvolver, dentro do escopo principalmente da desumanização, sobre todos eles. Todavia, é Joe Christmas, o branconegro, o órfão que está simultaneamente entre duas raças, entre dois universos, e entre nenhum, que oferece perspectivas mais aprofundadas sobre essas questões. Como foi visto, seu processo de

desumanização decorre não de seu crime, mas da descoberta de sua ascendência negra – que nunca é, de fato, confirmada, apenas sugerida. Seu crime não é o assassinato em si, mas ousar ser um negro sem o ser, ousar tráfegar em um ambiente branco e ser tomado como tal.

Albert Memmi (2003, p. 190) afirma que “a sociedade colonizada é uma sociedade enferma em que a dinâmica interna não consegue mais produzir estruturas novas.” É possível interpretar as estruturas sulistas, tanto no real quanto na ficção, como a manifestação dessa sociedade enferma da qual Memmi fala. A abolição e a Reconstrução foram incapazes de alterar a estrutura de colônia interna, a hegemonia da qual Dahl (2005, p. 47-48) fala. Nesse sentido, narrativas desumanizantes, como o monstro do estuprador negro, corroboraram ao controle e opressão. Narrativas essas que geram, por sua vez, terrorismo estatal e civil sob a forma, por exemplo, de linchamentos, exercendo domínio a partir de conspiracionismo paranoico arraigado nas estruturas raciais e patriarcais. Estruturas essas que, em um ciclo vicioso, não poderiam se alterar justamente por essa violência racial.

Entre a profundidade dos diversos tópicos e sua descentralização estética, alternando entre personagens, tempos e até formas de narrativa – entre terceira pessoa e fluxo de consciência, por exemplo - *Luz em agosto* trabalha extensivamente com a construção da dualidade identitária de Joe Christmas, o “negrobranco” (FAULKNER, 2007, p. 301). Christmas se intersecciona entre os dois mundos, entre duas raças, entre dois contextos, marginalizado em ambos. Marginalização que implica em sua derrocada, em sua incapacidade de aceitar a estabilidade que lhe é oferecida por sua companheira. Christmas sabe apenas reagir com violência a um mundo que o tratou com violência, e a transborda para todas as suas esferas pessoais. O branco que é negro e o negro que é branco, uma desumanização baseada em boatos, em desconhecimento sobre a origem. Na criação do real literário, Faulkner empreendeu uma mimesis do sul estadunidense, marcado pela violência da herança escravista e a desumanização que sirgiu como sua herança direta. É sintomática, nesse sentido, a castração ao final da obra. Uma castração não apenas literal, mas, tanto mais, metafórica. A castração de uma população privada por gerações inteiras de seus direitos políticos e sociais, limitada por uma forma de violência que apenas pode ser classificada como terrorista.

Referências

BOIS, W.E.B. Du. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. London: Penguin Books, 2006.

CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

DAHL, Robert. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DECLARAÇÃO dos direitos do homem e do cidadão. Universidade de São Paulo: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos, 2015. Disponível em:

<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.

DECLARAÇÃO universal dos direitos humanos. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 12 nov. 2020.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Martin Claret, 1999.

EQUAL Justice Initiative. *Lynching in America: Confronting the legacy of racial terror*.

Montgomery: Equal Justice Initiative, 2017. Disponível em: <https://eji.org/wp-content/uploads/2020/09/lynching-in-america-3d-ed-091620.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2020.

FAULKNER, William. *Collected stories*. New York: Random House, 1995.

FAULKNER, William. *Luz em agosto*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUYNN, Jessica. America's lynching history is now online. *USA Today*. Disponível em:

<https://www.usatoday.com/story/tech/news/2017/06/13/google-equal-justice-initiative-lynching/102782832>. Acesso em: 20 nov. 2020.

HOLIDAY, Billie. *Strange fruit*. Commodore Record, 1957. Disponível em:

www.spotify.com. Acesso em: 08 nov. 2020.

HURSTON, Zora Neale. How it feels to be colored me. In: BAYM, Nina (org.). *The norton anthology of American literature*. New York: W.W Norton & Company, 2008.

LEVINSON, Daniel J. The study of anti-semitic ideology. In: HORKHEIMER, Max;

FLOWERMAN, Samuel H. (org.). *The authoritarian personality*. New York: The American Jewish Comimittee, 1950

MEMMI, Albert. *The colonizer and the colonized*. London: Earthscan, 2003.

RODNEY, Walter. *How Europe underdeveloped Africa*. London: Verso, 2018.

RHYS, Jean. *Vasto mar de sargaços*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHAKESPEARE, William. *The merchant of Venice*. New Haven: Yale University Press, 2006.

SHAKESPEARE, William. *The tempest*. New Haven: Yale University Press, 2006.

THE Economist. How lynching still affects American politics. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mYYDgYWc3IE&ab_channel=TheEconomist. Acesso em 06 nov. 2020.

Recebido em 15 de janeiro de 2022

Aceito em 08 de novembro de 2022